

Expressões femininas da *Nova Era*: os círculos de mulheres no México¹

MARÍA DEL ROSARIO RAMÍREZ MORALES²

O movimento *Nova Era* caracterizou-se por um tipo de espiritualidade que integra diversas práticas para o desenvolvimento do *self* a partir de uma perspectiva holística; está vinculado com a ideia do advento de uma Era que defende a modificação das relações sociais, pelo contato consigo mesmo, e está a favor da relação entre o ser humano e a natureza. Estas narrativas não só reconfiguram o panorama espiritual na atualidade, mas também dão visibilidade às novas formas de pertencimento, de afiliação e de organização espiritual à margem das religiões institucionais, dando-lhes um caráter diverso e, muitas vezes, difuso. Esta matriz de sentido, como chamou De la Torre (2013), por um lado, integra diversas tradições orientalistas, aquelas chamadas ancestrais, e visibiliza o surgimento de práticas inovadoras para a conexão com o sagrado. Por outro,



¹ Traduzido por Giovanna Lyra. Supervisionado por Cleci Bevilacqua.

² Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social. CIESAS-Occidente.

alimenta a criação de grupos e organizações que difundem e permitem o enraizamento desta espiritualidade entre homens e mulheres, principalmente de classe média e no interior dos centros urbanos ocidentais.

No entanto, a participação das mulheres teve um lugar preponderante na difusão e apropriação das práticas e narrativas relacionadas com a Nova Era, já que, segundo Carozzi (1999 e 2001), são elas que parecem se aproximar e transitar com maior frequência pelas diferentes práticas dessa matriz. Tal fato reflete-se não só nas análises etnográficas acerca dos grupos vinculados com as espiritualidades emergentes, mas também se ancora em um discurso maior que propõe que as mulheres são sujeitos fundamentais para o surgimento da Nova Era. Um destes discursos é o chamado “retorno da Deusa” ou o surgimento da noção do sagrado feminino.

A abordagem da espiritualidade feminina, no caso mexicano, perpassa por diferentes temas que lhe dão uma forma específica como parte das práticas e noções vinculadas com a Nova Era. Por um lado, encontramos narrativas que têm caráter universalizante e outras que estão ancoradas em tradições que se justapõem com crenças locais e neotradições acerca das mulheres. Por outro, as formas de organização geradas no âmbito das espiritualidades femininas ressaltam a importância das classes médias e as diferentes maneiras nas quais elas reconfiguraram o campo religioso, ao ampliar o limite entre o sagrado e o secular e frente à criação de buscas individuais e direcionadas de contato com o sagrado, simultaneamente à verificação coletiva das crenças. Isso permite tanto a apropriação quanto a circulação dos sujeitos nas diferentes práticas no interior da referida matriz espiritual. Outro elemento constitutivo desse tipo de espiritualidade é a apropriação de discursos, tais como o empoderamento, a importância do corpo como espaço sagrado e como meio de expressão e de encarnação do espiritual e, evidentemente, as implicações que esses discursos trazem consigo na representação do feminino.

Este capítulo tem como objetivo analisar o caso dos círculos de mulheres como parte do circuito de práticas enfocadas na espiritualidade

feminina no México. Os dados que são compartilhados aqui fazem parte de uma pesquisa realizada em diversos círculos de mulheres mexicanas com a finalidade de analisar suas práticas e as noções sobre o feminino que se constroem no interior dessas organizações.³ Os círculos de mulheres são um modelo de organização que retoma diversos elementos espirituais com a finalidade de promover a autogestão, o empoderamento, o autoconhecimento e um contato com o sagrado que encontra sua expressão no corpo e nas experiências das mulheres, tornando-se, assim, um dos espaços privilegiados para o desenvolvimento e a gestão da espiritualidade feminina. Uma das hipóteses a respeito de seu surgimento é que os círculos respondem à ausência de estruturas sociais, religiosas e institucionais, nos quais se promovam as lideranças femininas, as relações igualitárias e o crescimento tanto pessoal quanto coletivo das mulheres; questões que se convertem nos eixos principais de ditas organizações. Nesse sentido, os círculos de mulheres são também espaços de contenção pessoal e coletiva, assim como centros de criação de uma ideia de empoderamento espiritual para as mulheres que fazem parte deles.

Como muitos dos grupos que caracterizam a matriz espiritual Nova Era, os círculos de mulheres constituem-se em espaços móveis e efêmeros, apoiam-se nas redes de amizades para se conformarem, mas também recorrem às redes sociais virtuais como um de seus principais meios de difusão e de criação de redes, inclusive em nível internacional.



³ O trabalho por extenso ao qual se faz referência tem como título “*Lo femenino resignificado: discursos y concepciones de lo femenino desde los círculos de mujeres*” [O feminino resignificado: discursos e concepções do feminino a partir dos círculos de mulheres], pesquisa realizada para obter o título de Doutora em Ciências Antropológicas pela Universidade Autónoma Metropolitana – Iztapalapa, México. O objetivo geral da pesquisa é analisar os círculos de mulheres no México, seus modos e estratégias de organização, assim como as noções que se constroem em torno do corpo feminino e o papel das mulheres no plano espiritual e experiencial. O trabalho etnográfico foi realizado no período compreendido entre março de 2013 e agosto de 2014, considerando diversos grupos de mulheres na Cidade do México e Guadalajara.

Embora sejam apresentados como espaços abertos a todas as mulheres que queiram fazer parte deles, congregam, em sua maioria, mulheres de setores urbanos, de classe média e com nível superior. No plano espiritual e de crença religiosa, essas mulheres, em sua maioria, respondem ao modelo de buscadoras espirituais ou conversas ativas (Garma, 2004, p. 203) tanto em religiões institucionais quanto em espiritualidades relacionadas com a Nova Era ou neotradições como a neomexicanidade.

Os círculos estabelecem temáticas e objetivos variados e especializados que vão desde a contenção e o acompanhamento de processos de crises pessoais e coletivas, a cura, as relações de casais, a relação com o corpo e seus ciclos até o empoderamento. Todas essas práticas são coordenadas por mulheres que passaram por situações similares e que decidiram apoiar outras em seu trânsito por experiências fundamentais em sua trajetória de vida e em sua experiência de habitar um corpo de mulher. Desse modo, os círculos de mulheres, nos últimos anos, são tanto espaços sociais de convivência quanto opções espirituais e de crescimento para as mulheres em diferentes latitudes.

A importância deste estudo centra-se, principalmente, na análise do papel das mulheres nas espiritualidades emergentes e seus modos particulares de organização. Além disso, evidencia as construções e narrativas criadas em torno das mulheres e de seus corpos no âmbito destas espiritualidades, as formas de aproximação com o sagrado, que se produzem para além das mediações institucionais das igrejas, e os modos nos quais se reconfiguram a noção de empoderamento a partir de uma matriz de sentido que, finalmente, foi convertida em uma forma de acesso a lideranças e saberes vinculados com práticas que colocam as mulheres em um lugar central no advento de uma nova era no plano espiritual.

Assim, em um primeiro momento, serão definidos os círculos de mulheres e serão apresentados seu lugar no espectro das práticas da Nova Era e as particularidades imprimidas pelo contexto mexicano a essa expressão feminina da espiritualidade. Em seguida, são apresentadas

algumas das noções principais que se desenvolvem e se difundem a partir dos círculos e a forma na qual se articulam com o feminismo, com um tipo particular de corporeidade e com a geração de novas práticas normativas e narrativas a respeito do papel das mulheres em seus aspectos sociocultural e espiritual.

Espiritualidade Nova Era no México e o discurso do sagrado feminino

A espiritualidade Nova Era, considerada como uma das heranças dos movimentos de contracultura de meados do século XX (Lewis e Melton, 1992), foi estabelecida como uma matriz de sentido que não só amalgaма discursos, grupos, movimentos, organizações, concepções do mundo e do *self*, mas também foi reconhecida como um movimento tanto espiritual quanto cultural (Shiamazono, 1999; De la Torre, 2013; Carozzi, 1995; Carozzi e Frigerio, 1994; Gutiérrez, 1996). Existem diversas vozes em torno da definição e dos limites da espiritualidade Nova Era. Muitas delas baseiam-se nas práticas e discursos que se observam de maneira transversal e característica nas práticas que foram identificadas como parte dessa matriz. No entanto, notou-se que, embora o discurso Nova Era permeia, dialoga e se sincretiza com tradições e neotradições espirituais, religiosas e seculares, existe uma série de limites nesses diálogos.

Frigerio (2013), fazendo uma análise a respeito dos limites e alcances da Nova Era no caso da América Latina, destaca de maneira precisa que, nessa parte do mundo, três elementos fundamentais podem ser identificados: por um lado, as apropriações, que são aqueles elementos presentes de forma regular nas práticas; por outro, os empréstimos, que são símbolos e imagens de outras tradições apropriadas de maneira esporádica e, finalmente, as influências que a Nova Era exerce sobre outros grupos religiosos. A partir do reconhecimento do sincretismo, que desde a conquista tem sido um elemento característico das religiosidades na América Latina, Frigerio (2013, p. 48) estabelece que a Nova Era tem uma

gramática interna e direcionada – portanto, excludente – que permite a reconfiguração espiritual a partir de três eixos principais: a crença no *self* sagrado, em que o contato do sujeito consigo mesmo e com a natureza é privilegiado, assim como o domínio do ego e a importância do cuidado integral da pessoa; a circulação permanente dos buscadores em diversos grupos, tema que é visto positivamente, já que alimenta um processo de “polinização espiritual” (De la Torre, 2013, p. 38) e o intercâmbio de saberes; e a valorização das alteridades, nas quais se faz necessária a presença de uma alteridade exotizada, normalmente vinculada com alguma tradição indígena, dependendo do lugar que lhe é atribuído no interior das narrativas dominantes de cada país (Frigerio, 2013, p. 61).

No caso mexicano, a aplicação desses três eixos materializa-se de diversas formas; uma delas é por meio da integração do discurso indígena desenvolvido pelo movimento mexicanista, impulsionado desde meados do século XX. Nesse discurso, busca-se a revalorização das práticas e discursos indígenas a partir da reetnização e da observação de uma série de normativas nativistas e neotradicionalistas, caracterizadas pela afirmação e pela reinvenção de tradições pré-hispânicas a partir de uma reinterpretação idealizada do passado e da exaltação de uma imagem arquetípica do índio (De la Peña, 2001, p. 96). Uma das correntes mexicanistas que permitiu o diálogo com diversas tradições em nível mundial é chamada neomexicanidade. Ela integra o conjunto de tradições valorizadas como sagradas e permite a conjunção tanto do simbolismo indígena quanto de diversas doutrinas espirituais para a execução e a invenção de rituais e métodos que se caracterizam por ter uma enorme carga sincrética: “esta eficaz matriz ideológica favorece todo tipo de permutações e pode incluir todas as crenças imagináveis e todos os cultos, traduzindo-os em código mexicanista”⁴ (De la Peña, 2001, p. 106). Assim, o neomexicanismo responde a este modelo que

////////////////////

⁴ No original: “Esta eficaz matriz ideológica favorece todo tipo de permutaciones y puede incluir todas las creencias imaginables y todos los cultos, traduciéndolos en clave mexicanista” (De la Peña, 2001, p. 106).

menciona Frigerio acerca das narrativas dominantes e das “alteridades exotizadas”, neste caso, mexicanas e indígenas, que permitem a assimilação de práticas da matriz Nova Era dentro de seus discursos, formas de manifestação e difusão.

A narrativa neomexicanista permitiu tanto o diálogo quanto a fusão de diferentes práticas e discursos. Exemplo disso são as concepções sobre o papel das mulheres na espiritualidade a partir de um discurso que foi denominado o “retorno da Deusa” ou o sagrado feminino. Com base em abordagens gerais da matriz Nova Era, essa noção relaciona-se principalmente com o advento de uma Nova Era de caráter cósmico e com o desenvolvimento do *self*. Em primeiro lugar, propõe-se que a Nova Era requer um lugar para gestar-se, e o útero das mulheres é o lugar privilegiado para tornar isso possível. Por outro lado, a Nova Era traria consigo uma reconfiguração dos papéis de gênero e do papel dos seres humanos no mundo, onde a conexão entre o homem e a natureza, assim como a superação das dicotomias entre matéria e energia, homem e mulher, corpo e espírito seriam superadas a partir de um discurso holístico que propõe a união de todos os seres de forma igualitária, com a finalidade de alcançar um equilíbrio universal. No entanto, nesse discurso, observa-se que as mulheres, ao serem elas as gestoras da nova espiritualidade, teriam como propósito e como tarefa o “reconectar-se” com elas mesmas, com seus conhecimentos, aproveitando sua relação com a natureza para alcançar as mudanças consideradas necessárias para o surgimento da Nova Era. Nesse sentido, a busca do *self* está focada na exaltação das características que, a partir dessa perspectiva, são consideradas propriamente femininas e as aproximam, por sua vez, de uma noção particular de sacralidade.

Por sua vez, o discurso mexicanista utilizou figuras femininas icônicas da literatura, tais como Regina e Ayocuán,⁵ como estandarte do

//////////

⁵ Personagens que adquirem um caráter místico a partir da difusão de um culto que as toma o centro da ativação de centros energéticos no México e que derivam das obras de Velasco (1973 e 1987).

despertar da consciência e como meio de ativação energética dos centros de poder ancorados, principalmente, em ruínas arqueológicas. Também mostrou a adoção de práticas provenientes das igrejas nativas americanas, do discurso da deusa e da reconexão com o corpo, o ser e a natureza; noções que estão presentes no interior das práticas que aderem a esse tipo de espiritualidade.

Embora nem todos os grupos pertencentes a tais matrizes de sentido compartilhem a noção do retorno da deusa e do sagrado feminino, já que se tratam de grupos heterogêneos no que diz respeito a seus referentes e tradições, aquelas que adotam esse discurso permitem falar da geração de uma espécie de feminismo místico, no qual se destaca não só a relação harmônica e igualitária entre os sexos, mas também se atribui às mulheres um potencial particular na construção de um novo tempo. Nesse sentido, desenvolver a subjetividade e a espiritualidade feminina adquire um lugar central. Assim, a difusão do sagrado feminino apoiou-se na criação de uma série de práticas e grupos para divulgar e proporcionar às mulheres as ferramentas necessárias para alcançar essa conexão com elas mesmas e, conseqüentemente, impulsionar uma mudança social e cósmica. Os grupos desenvolvidos com tais finalidades partem da busca da transformação da consciência feminina e se estabelecem como espaços capazes de criar uma ressonância que teria impacto na sociedade em geral a partir da apropriação seletiva de discursos espirituais.

Os círculos de mulheres e o circuito de conhecimentos sobre o feminino

A espiritualidade feminina – a partir dos dois referentes aqui considerados – foi se diversificando segundo os diferentes recursos que as próprias mulheres geraram, estabelecendo, conseqüentemente, um circuito de práticas e grupos de caráter efêmero, nos quais se difundem múltiplas formas e vias para o desenvolvimento do feminino. O circuito

especializado na difusão dessa forma específica de espiritualidade integrada práticas como os temazcais de lua, oficinas sobre sexualidade sagrada, menstruação consciente, bênçãos de útero, respiração ovariana, danças circulares, danças da lua, rituais de iniciação vinculados com a menstruação ou à menopausa, círculos de canto, círculos de leitura, círculos de mulheres etc. Todos os rituais aplicam, criam e desenvolvem metodologias para a difusão e aproximação das mulheres consigo mesmas, com a finalidade de gerar não só uma certa ideologia acerca do feminino, mas também de estabelecer diretrizes para o desenvolvimento do potencial das mulheres em prol de relações mais harmônicas entre elas, a partir do reconhecimento de suas potencialidades, da sororidade e do contato com seus próprios corpos e emoções.

Referindo-se especificamente aos círculos de mulheres, eles são concebidos como um modelo de organização feminina, muitas vezes de caráter efêmero, que parte da intenção de gerar espaços democráticos e igualitários que promovem a autogestão e o autoconhecimento baseados em um código espiritual. Tais círculos são considerados como uma alternativa frente à ausência de espaços coletivos propriamente femininos, nos quais se propicie o diálogo, a convivência igualitária e sororária entre as mulheres com base na ideia de que esses espaços ficaram relegados a âmbitos privados e de que havia certa impossibilidade de organização feminina, dada a lógica de separação entre os sexos e a competição entre gêneros. Nesse sentido, buscar e gerar espaços propriamente femininos responde à necessidade de criar organizações que deem às mulheres esse espaço de diálogo e reflexão que não se encontra presente dentro das organizações sociais mais amplas. Por outro lado, os círculos de mulheres situam suas origens nas chamadas “Tendas Vermelhas”⁶, “Casas de Lua”⁷ ou “Casas de Menstruação”, que são o espaço onde as



⁶ Esta expressão surgiu recentemente para denominar lugares onde acontecem os círculos de mulheres e alguns rituais que têm como centro o ciclo menstrual.

⁷ De acordo com a etnografia realizada, o período menstrual é denominado “lua” ou “luazinha”, pela similaridade que se afirma ter o ciclo hormonal feminino com o ciclo lunar.

mães e as avós compartilhavam os conhecimentos e a sabedoria feminina entre pares, particularmente, no momento da primeira menstruação e ao longo da vida adulta. Portanto, a constituição do círculo é considerada um modelo arquetípico da união e comunhão entre mulheres e a forma primitiva de organização própria da espiritualidade feminina.

Os círculos de mulheres têm em seu interior elementos simbólicos que servem de sustentação para a criação de rituais diversos; mas, sobretudo, propõem como objetivo desenvolver as novas formas de aproximação com o sagrado, considerando o vínculo entre a subjetividade, a emoção e o corpo. Sendo assim, os círculos de mulheres não só integram ideologicamente as noções do sagrado feminino provenientes da Nova Era e de algumas das práticas próprias da neomexicanidade, mas também se estabelecem como espaços nos quais se criam estratégias inovadoras de acesso ao sagrado e de reconexão com o *self* feminino e onde as experiências próprias e compartilhadas tornam-se alimento para a geração e apropriação de conhecimentos.

Por outro lado, embora os círculos se estabeleçam como grupos de natureza efêmera – por conseguinte, seu tempo de vida está limitado e delimitado de acordo com seus objetivos –, não são grupos isolados um do outro. Pelo contrário, são construídas redes – tanto virtuais como presenciais – e vínculos entre as guias, as participantes e os círculos em seu conjunto já que alguns deles, ao se fragmentarem ou ao se unirem, diversificam-se e permitem a circulação de diferentes técnicas; também fomentam o contato entre mulheres que tenham sido formadas ou iniciadas em metodologias sobre o tratamento e a exaltação do feminino. Portanto, não só se constrói uma rede de mulheres e de práticas, mas também se consolida uma rede de conhecimentos que são avalizados e valorizados pelo conjunto.

As mulheres que participam desse tipo de coletivos respondem aos modelos de buscadoras espirituais,⁸ pois desenvolveram trajetórias religiosas em múltiplos circuitos tanto de mexicanidade quanto da Nova Era, destacando um evidente afastamento das religiões institucionais, principalmente do catolicismo, que foi, na maioria das vezes, a religião primária na qual foram socializadas. É através das trajetórias individuais que se considera os círculos de mulheres tanto como um início quanto um fim na mobilidade das participantes, posto que a chegada aos círculos implica não apenas o pertencimento à espiritualidade feminina por um longo período de tempo, mas também um ponto de partida para a busca direcionada a um grupo e crenças baseados no desenvolvimento das mulheres. Este tipo de perfis – sociodemográficos, culturais e espirituais – responde ao modelo que caracterizou os seguidores das espiritualidades vinculadas com a Nova Era (Gutiérrez, 1996), no qual se mostra que a classe média é aquela que mais recorre a esse tipo de espiritualidades emergentes.

No caso argentino, Viotti (2010), analisando as práticas da classe média em Buenos Aires, fez questionamentos interessantes acerca das perspectivas de abordagem sobre o referido tipo de populações; indicou que, tradicionalmente, fora estudada a partir da crise de sentido e da crise de representação, neste caso, religiosa, assim como de uma aparente individuação das crenças em prol do desenvolvimento do que ele denominou “*ethos* religioso do conforto pessoal” relacionado com o desenvolvimento do *self*. De acordo com o autor, a classe média “moderna” se caracterizaria por deixar de lado as crenças religiosas, uma vez que elas eram consideradas o ressabio de um passado tradicional e uma



⁸ De acordo com Garma (2004), os convertidos ativos ou buscadores espirituais são aqueles que se dedicam à busca constante de experiências místicas e que mudam de religião de maneira voluntária depois de certo período de experimentação. Garma, citando Dawson, menciona que esse tipo de sujeito escolhe conhecer, de maneira racional e aberta, as possibilidades que oferecem as novas experiências espirituais e de contato com o sagrado. Este tipo de conversão ativa pode se manifestar durante períodos determinados da vida, sendo influenciada tanto por fatores sociais e estruturais quanto por decisões do próprio sujeito.

manifestação de atraso social, definindo, assim, a classe média como majoritariamente secular. Entretanto, o referido autor aponta que as formas religiosas atuais questionam a natureza das crenças frente ao surgimento de um reavivamento das práticas religiosas associadas à Nova Era e, no caso de seu estudo, às práticas relacionadas com o catolicismo.

Ainda que sua abordagem esteja centrada em um espaço concreto, sua proposta de análise é igualmente aplicável ao caso mexicano e à análise dos seguidores das espiritualidades emergentes. Isso é possível porque considerar a classe média e analisar suas práticas religiosas e espirituais permite esclarecer as produções culturais ancoradas nas crenças e nas apropriações que alimentam a transformação e o avivamento da vida religiosa, assim como a modificação e ampliação dos limites do sagrado em relação a aspectos que antes eram considerados profanos ou seculares. Logo, observamos múltiplas lógicas de pertencimento que merecem ser examinadas não só como resultado de um processo de crise estrutural característica das sociedades “modernas”, mas também a partir da complexidade e dos modos nos quais são geradas novas formas de entender a crença, a prática religiosa e espiritual contemporânea com base na experiência dos sujeitos.

Narrativas sobre o feminino a partir dos círculos de mulheres no México

Fazendo uma análise a respeito das narrativas geradas nos círculos de mulheres, podem ser identificados dois níveis diferentes: em primeiro lugar, aquelas características das organizações femininas e suas particularidades e, em segundo, as relacionadas com a representação das mulheres a partir da forma como são concebidas pelo discurso do sagrado feminino e pelas implicações que essas narrativas imprimem naquelas que aderem a este tipo de espiritualidade.

Vinculado com o primeiro nível, observa-se uma tendência para as organizações horizontais e para a geração de uma forma particular de

relação entre mulheres através da convivência sororária. Ambos os elementos vinculam-se com a forma na qual as mulheres se organizam e geram espaços de diálogo e de crescimento a partir de uma lógica igualitária, que teria o potencial de se refletir em aspectos sociais para além dos círculos. Nessa linha, de acordo com Bolen⁹ (2004), a mulher como gênero possui um “talento natural” para integrar círculos:

Estar em círculo é uma prática de aprendizagem e crescimento que se nutre da experiência e da sabedoria, do compromisso e do valor de cada uma das mulheres que faz parte dele. [...] em um âmbito patriarcal, um círculo de iguais pode ser como uma ilha, onde se pode falar e rir livremente; tornando-nos conscientes do contraste, fazendo com que nos demos conta de que muitas de nossas ações estão perpetuando o *status quo* e de como poderíamos modificá-lo (Bolen, 2004, p. 22-23)¹⁰

Porém, não só essa autoria identifica esta tendência. Fisher (2000), fazendo uma comparação das formas de relacionamento masculino e feminino, menciona que a mulher “está mais interessada na cooperação, na harmonia e na conexão, em uma rede de apoio; entende-se a si mesma dentro de uma rede de amizades; faz contatos laterais com os demais e cria camarilhas¹¹” (p. 56). Embora não exista uma explicação



⁹ É doutora em medicina, analista junguiana e professora de psiquiatria na Universidade da Califórnia. O livro que foi tomado como base ou referência pelos diversos círculos de mulheres é intitulado *O millonésimo círculo*. Um de seus pressupostos principais é que os círculos de mulheres podem acelerar a mudança da humanidade para uma era pós-patriarcal. Nele, são mencionados alguns princípios básicos para que as mulheres criem círculos ou transformem os que já estão formados em veículos de transformação social, cultural e individual.

¹⁰ No original: *Estar en círculo es una práctica de aprendizaje y crecimiento que se nutre de la experiencia y la sabiduría, del compromiso y el valor de cada una de las mujeres que hay en él. [...] en un ámbito patriarcal, un círculo de iguales puede ser como una isla donde hablar y reír libremente; nos hace conscientes del contraste, eso nos lleva a darnos cuenta de que muchas de nuestras acciones están perpetuando el statu quo y de cómo podríamos cambiarlo* (Bolen, 2004, p. 22-23).

¹¹ No original: “[...] está más interesada en la cooperación, la armonía y la conexión, en una red de apoyo; se entiende a sí misma dentro de una red de amistades; hace contactos laterales con los demás y forma camarillas” (p. 56).

minuciosa dessa tendência feminina, a autora aventura uma hipótese naturalista baseada na presença dos estrógenos, os quais, de acordo com seu argumento, “contribuem à necessidade feminina de se conectar com os demais, conseguir harmonia e consenso e trabalhar e se divertir em grupos relativamente igualitários¹²” (p. 69).

Em um âmbito prático, o fato de reunir-se implica estreitar laços entre as participantes, reforça sua confiança; mas também procura estabelecer laços duradouros de confiança, respeito e convivência para as demais relações entre as mulheres. Tal processo de apoio e reciprocidade em relação ao grupo de mulheres delimita-se pelo conceito de *sororidade*,¹³ que se torna uma forma de relação entre o grupo de pares, assim como um modo de expressar uma forma alternativa de conduta entre e para as mulheres. Assim, os círculos de mulheres incorporam as noções do sagrado feminino, de modo que:

[...] este aspecto sagrado não deve ser hostil, incômodo, orientado à separação ou ser manipulador com o objetivo de encobrir dores antigas [...] As mulheres podem curar os modelos que elas mesmas representam: no lugar da conquista ou da competição com o homem, devem permitir que este mundo chegue a um novo ponto de equilíbrio entre homens e mulheres (Sams, 1993, p. 3)¹⁴.



¹² No original: “[...] contribuyen a la necesidad femenina de conectar con los demás, lograr armonía y consenso y trabajar y jugar en grupos relativamente igualitarios” (p. 69).

¹³ De acordo com Lagarde (1997), “A sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Esse termo enuncia os princípios ético políticos de equivalência e relação paritária entre mulheres. Trata-se de uma aliança entre mulheres, propicia a confiança, o reconhecimento recíproco da autoridade e o apoio. É uma experiência das mulheres que conduz à busca de relações positivas e à aliança existencial e política, corpo a corpo, subjetividade a subjetividade com outras mulheres, para contribuir com ações específicas de erradicação social de todas as formas de opressão e de apoio mútuo para conseguir o poder genérico de todas e o empoderamento vital de cada mulher”.

¹⁴ No original: “[...] este aspecto sagrado no requiere ser hostil, molesto, orientado a la separación o ser manipulador con el objetivo de cubrir viejos dolores [...] Las mujeres pueden curar los modelos que ellas mismas representan: en lugar de la

Em segundo lugar, está a importância e centralidade das emoções e das experiências compartilhadas. Os círculos de mulheres são considerados como centros espirituais destinados a celebrar o processo de crescimento e de mudança com base na ideia de que “quando um número importante de pessoas muda seu modo de pensar e de se comportar, a cultura também muda e uma Nova Era começa¹⁵” (Bolen, 2004, p. 10). Tais organizações caracterizam-se como espaços que respondem a um modelo emocional (Illouz, 2010, p. 24), nos quais a dimensão afetiva em sua acepção individual, subjetiva e cultural (Calderón; 2014, p. 18), assim como a experiência compartilhada, convertem-se nas bases principais para gerar uma mudança de consciência nas mulheres. De acordo com Illouz, “as emoções são aspectos profundamente internalizados e refletem a ação, não porque não contenham suficiente cultura e sociedade, mas porque de fato contêm muito de ambas.¹⁶” (Illouz, 2010, p. 24). A importância da emoção para as mulheres nos círculos está, em consequência, vinculada com a ação e a reflexão coletiva, já que compartilhar e socializar as emoções e as experiências não só permite a sua expressão – o que se busca é a identificação com a ou com as outras –, mas também cria uma espécie de energia coletiva que tem o poder de transformar o conjunto de participantes em um nível subjetivo.

A emoção então pode ser definida como o aspecto “carregado de energia” da ação, onde a energia é entendida como um elemento que implica, ao mesmo tempo, cognição, afeto, avaliação, motivação e corpo [...] o que faz com que a emoção carregue consigo essa “energia” é o fato de que sempre concerne ao

conquista o competencia con el hombre, debe permitir que este mundo llegue a un nuevo punto de balance entre hombres y mujeres” (Sams, 1993, p. 3).

¹⁵ No original: “[...] cuando un número importante de personas cambia su modo de pensar y de comportarse, la cultura lo hace también y una nueva era comienza” (Bolen, 2004, p. 10).

¹⁶ No original: “[...] las emociones son aspectos profundamente internalizados y reflexivos de la acción, pero no porque no contengan suficiente cultura y sociedad, sino porque de hecho contienen demasiado de ambas” (Illouz, 2010, p. 24).

eu e à relação do eu com outros situados culturalmente (Illouz, 2010, p. 24)¹⁷.

Em um segundo nível e a respeito das representações das mulheres, os círculos partem da ideia de que as culturas ancestrais mantinham uma conexão com a natureza, sendo a mulher uma das representações mais fiéis de seus ciclos e uma espécie de encarnação da “Mãe Terra”. A respeito do uso metafórico do corpo, Turner menciona que

este uso de um aspecto da fisiologia humana como modelo das ideias e processos sociais, cósmicos e religiosos, é uma variante de um tema inicial amplamente discutido: o de que o corpo humano é um microcosmo do universo (Turner, 1980, p. 119)¹⁸.

A esse respeito, as mulheres adquirem conotações sagradas em dois sentidos: por sua vinculação com a natureza,¹⁹ particularmente a partir da reprodução e dos conhecimentos sobre o aproveitamento dos recursos de maneira não invasiva para o meio ambiente e, em segundo lugar, a partir da consideração do corpo como um espaço sagrado. Dessa forma, uma das narrativas dominantes em torno do corpo das mulheres parte da ideia de que elas são consideradas seres sagrados em si mesmas, como uma encarnação do divino. Essa narrativa implica, em primeiro lugar, que as mulheres reconheçam a divindade individual através da apropriação desse discurso a partir do âmbito subjetivo e, em segundo



¹⁷ Aspas da autora.

¹⁸ No original: “Este uso de un aspecto de la fisiología humana como modelo de las ideas y procesos sociales, cósmicos y religiosos, es una variante de un tema iniciático ampliamente extendido: el de que el cuerpo humano es un microcosmos del universo” (Turner, 1980, p. 119).

¹⁹ Assim, a relação mulher-natureza manifesta-se em termos não só cosmológicos, mas, também, em sua dimensão espiritual para efeitos da criação do que, parece, é um dos mitos fundadores dos círculos de mulheres. Cabe destacar que, no interior desses grupos, não existe uma discussão em torno das implicações desta relação e das implicações culturais e de gênero que tal concepção trouxe consigo a respeito do estabelecimento de uma ordem social, que tradicionalmente coloca as mulheres em um espaço secundário.

lugar, é um exercício de reconhecimento das demais mulheres e seres no mundo. Em grande medida, a espiritualidade feminina baseia-se no desenvolvimento do *self* sagrado, considerando as características “próprias” das mulheres como principal veículo. Por conseguinte, muitas das estratégias do circuito de conhecimentos sobre o feminino, incluindo os círculos de mulheres, têm como eixo central a geração desta consciência sobre o sagrado por meio de trabalho sistemático, atribuindo um papel central ao autoconhecimento do corpo e a seus processos, assim como à identificação das emoções que cruzam as experiências cotidianas das mulheres. Consequentemente, os círculos podem ser entendidos como unidades processuais que buscam a apropriação subjetiva do discurso do sagrado feminino e o autoconhecimento do corpo; elementos que, ao serem interiorizados, são considerados como meios de empoderamento.²⁰

Parte importante do exercício de reconhecimento pessoal refere-se à concepção do corpo como espaço de representação e também de prazer, de gozo e de autocriação. Assim, é fundamental conhecer e reconhecer o próprio corpo. Com essa finalidade, os círculos de mulheres geraram diversas práticas para que cada mulher se reconheça a si mesma e suas potencialidades tanto em nível social quanto espiritual. Tais estratégias giram em torno da exploração do corpo e da sexualidade, sendo esta considerada como um momento primitivo de reconexão



²⁰ De acordo com os dados coletados em campo, particularmente no caso dos círculos anuais e das oficinas de vivência sobre o sagrado, é realizada uma cerimônia de encerramento que consiste em um ritual de reafirmação, o qual tem como objetivo que cada uma das participantes se apresente para as demais como uma Deusa, gerando, assim, o reconhecimento pessoal e coletivo. Isto representa não só o resultado do trabalho individual desenvolvido ao longo da oficina ou do círculo, mas também um exercício de reconhecimento do corpo e da divindade que se reflete ao se assumir como uma Deusa pela adoção de um nome – que pode ser um exercício similar ao ritual de “siembra de nombre” [“cultivo de nome”, em tradução livre] característico da mexicanidade – e pela recapitulação pública do caminho percorrido ao longo do processo do círculo. Essa assimilação do discurso do sagrado feminino manifesta-se também pela afirmação “eu sou Deus”, na qual, por meio de um grito dirigido às sete direções, a mulher apresenta-se no mundo como um ser que, ao menos no discurso, assume-se como parte do universo e está vinculada a si mesma.

com o próprio corpo e como um meio pelo qual a energia das dualidades – femininas e masculinas – se faz presente. Uma das práticas comuns, ancoradas na relação da mulher com a natureza, relaciona-se com o reconhecimento da natureza cíclica feminina, desde o ciclo de vida até o ciclo menstrual. Para alcançar esse objetivo, os círculos recorrem a uma série de práticas inventadas e aprendidas através da literatura²¹ e da experiência para fomentar o autoconhecimento.

As narrativas acerca do ciclo de vida recorrem à comparação da natureza e aos ciclos das mulheres através por meio de modelos arquetípicos. Afirma-se que as mulheres transitam por diferentes fases ao longo de suas vidas, sendo a principal o início do ciclo menstrual. A menarca é definida como o primeiro e mais importante ritual de passagem, já que o primeiro sangue menstrual representa não só a transição da mulher para a etapa reprodutiva, mas também o recebimento da nova mulher no clã das Deusas. Assim sendo, a menstruação é reconhecida como



²¹ Nesta literatura encontram-se obras que são consideradas *best sellers*, tais como *The 13 original clan mothers* (1993), de Jamie Sams, que inspirou a criação dos círculos conhecidos como “13 luas”, e no qual se sugere a realização de uma série de rituais vinculados com o ciclo de vida e o ciclo menstrual, tais como os retiros de silêncio e o reconhecimento das mulheres como professoras e curandeiras de sua própria linhagem, assim como estratégias de vinculação com a sacralidade pessoal. Outro livro que é constantemente referido é *Lua Vermelha* (2010), de Miranda Gray; um manual para o conhecimento do ciclo menstrual e que, posteriormente, inspirou a criação de técnicas como a bênção do útero. Por outro lado, há também *Mulheres que Correm com os Lobos: Mitos e Histórias do Arquétipo da Mulher Selvagem* (2011), de Clarissa Pinkola, que se tornou um livro introdutório para o trabalho com o feminino e para “curar” as feridas emocionais. Finalmente, *O milionésimo círculo* (2004) e *El nuevo movimiento global de las mujeres. Construir círculos para transformar el mundo* (2014) [O novo movimento global das mulheres. Construir círculos para transformar o mundo, em tradução livre], de Jean Shinoda Bolen, referência fundamental a respeito da importância dos círculos de mulheres no contexto contemporâneo. Esta literatura tem em comum, em primeiro lugar, o papel central do feminino e a relevância da comunhão entre as mulheres e o autoconhecimento. Embora sejam considerados referências, dado que muitos deles se constituem como manuais, as mulheres, no interior dos círculos, inovam as estratégias compartilhadas pela literatura por meio de sua própria experiência de vida e de suas estratégias de cura, principalmente com foco na superação de doenças ginecológicas ou de traumas vinculados à sexualidade.

uma marca particular das mulheres e, portanto, é difundida a ideia de sacralidade do fluido menstrual através de uma série de narrativas, normativas e práticas que são conhecidas como “menstruação consciente”. A partir dessa perspectiva, existe a apropriação de arquétipos femininos para caracterizar cada uma das partes do ciclo menstrual (Ramírez, 2016), apoiado, por sua vez, em metodologias como o diagrama lunar.²² Por outro lado, considerar a menstruação como um fluido sagrado fomentou o uso de tecnologias ecológicas para seu tratamento, tais como o coletor menstrual, as compressas caseiras e, inclusive, o sangramento livre; todas com a finalidade de modificar as concepções patológicas e negativas sobre o sangramento e propiciar o contato das mulheres com a natureza e consigo mesmas.

Contudo, retomando a metáfora que afirma que o útero das mulheres é o espaço da gestação da Nova Era, as narrativas em torno do útero das mulheres o colocam como o centro criativo feminino, não só relacionado com a procriação, mas também argumentando que todas as criações das mulheres, sejam elas materiais ou intelectuais, das mulheres surgem deste lugar e do coração. Logo, o útero é utilizado como metáfora da consciência; exemplo disso é o seguinte fragmento compartilhado por uma das principais difusoras da técnica de bênção de útero, no México:

A verdade é que, nos últimos anos, meu útero foi se transformando e a única coisa que pude fazer foi escutar aonde ele vai me



²² Este diagrama é proposto no livro de Miranda Gray e foi reinterpretado pelos círculos de mulheres. Sua metodologia vincula o ciclo menstrual com o ciclo lunar e suas fases; recorre ao uso de arquétipos – a bruxa, a donzela, a mãe e a feiticeira – para denominar cada uma das partes do ciclo menstrual com uma forma particular de ação e de consciência. O diagrama tem como função principal a observação e o seguimento do ciclo hormonal completo com a finalidade de propiciar, pela observação sistemática, o autoconhecimento, o reconhecimento das emoções e as atividades que cada arquétipo representa na experiência encarnada e vivida das mulheres.

*guiando [...] agora sou simplesmente eu, um útero mais iluminado que antes, que parte para novos caminhos e para uma nova vida.*²³²⁴

Criando vínculos, curando feridas: etnografia de um ritual feminino

A menstruação, ao ser um dos temas de maior projeção e também um dos mais sensíveis para as mulheres, torna-se objeto de diversos rituais e o tema central de oficinas que se estabelecem no âmbito da espiritualidade feminina. O caso aqui relatado refere-se a um ritual que aconteceu em junho de 2014 e que tinha como objetivo convocar mulheres adultas para a realização de um ritual retrospectivo de menarca. Este círculo fazia parte de uma iniciativa em nível internacional acerca da criação de tendas vermelhas e círculos de mulheres nos bairros, tendo como propósito a difusão da chamada sabedoria feminina com foco no autoconhecimento do ciclo menstrual.

As tendas vermelhas, assim como os círculos de mulheres, são consideradas como um espaço de contenção. Originalmente, acredita-se que as tendas vermelhas eram montadas para que as mulheres menstruadas ficassem isoladas; no entanto, na atualidade, não é requisito indispensável para fazer parte delas ou para convocar uma. As tendas vermelhas são mantidas não só pela ou pelas mulheres que as convocam, mas também pelo conjunto de mulheres que participam delas e compartilham suas experiências com o restante das participantes. Tais tendas, assim como os círculos de mulheres, surgem a partir do interesse de uma ou mais mulheres que “procuram uma mudança em sua vida

////////////////////

²³ No original: “Lo que es verdad, es que en los últimos años mi útero se ha ido transformando y lo único que he podido hacer es escuchar por donde me va guiando [...] ahora soy simplemente yo, un útero más luminoso que antes, el cual parte a nuevos caminos y una nueva vida”.

²⁴ Disponível em: <http://miperiodoalnatural.blogspot.co.uk/2015/07/utero-nuevo-vida-nueva.html>. Postado em 6 de julho de 2015.

pessoal e que buscam ajudar outras mulheres. Existem mulheres que já estão em busca destes espaços e o único que falta é convidá-las e alimentar este desejo de ajudar e de unir”.²⁵²⁶ Quando uma tenda vermelha é temática, como no caso relatado aqui, os objetivos concretos são divulgados e, assim, são convocadas as mulheres que “de coração desejem assistir”.²⁷ Como a maioria das convocações realizadas para os círculos de mulheres, esta foi difundida por e-mail e pelas redes sociais. O texto compartilhado dizia o seguinte:

Tenda Vermelha “curando tua donzela”

Pela primeira vez, vamos compartilhar contigo nosso ritual de menarca (primeira menstruação). Sonhei oferecer este espaço no México por muito tempo e, agora, esse sonho tornou-se realidade! Gostaria de te convidar, de todo meu coração, para a primeira Tenda Vermelha do Meu Período ao Natural, na qual teremos como foco A Cura da Donzela. Curar nossa Donzela é curar a ferida da menina, curar as histórias que carregamos desde que passamos por essa primeira iniciação (nossa primeira menstruação).

A primeira menstruação é uma viagem única, é um momento introdutório no caminho de nossa transformação em mulheres. Cruzar esta primeira porta sem celebrá-la ou deixá-la passar despercebida causa uma enorme sombra na vida de toda mulher adulta, o que pode afetar a forma como pensamos e vivemos nossa menstruação ao longo de toda a vida. Embora muitas mulheres adultas não tenham recebido adequadamente esta mudança tão importante, é possível restaurar a mensagem recebida pela menstruação por meio de um ritual de menarca.

Esta Tenda Vermelha, com o tema Da Cura da Donzela, é precisamente um ritual de menarca o qual compartilharemos, pela primeira vez, com as mulheres que participem. Eu mesma fui



²⁵ No original: “[...] buscan un cambio en su vida personal y que buscan ayudar a otras mujeres. Hay mujeres que ya están en busca de estos espacios y lo único que se necesita es invitarlas y alimentar ese deseo de ayudar y de unir”.

²⁶ Fragmento de entrevista realizada com a organizadora desta tenda.

²⁷ No original: “de corazón deseen asistir”.

celebrada, faz alguns anos, em um grande círculo de mulheres e foi uma experiência verdadeiramente profunda que curou muitas feridas. O ritual de menarca que iremos realizar no dia 28 de junho, dentro da nossa Tenda Vermelha, te ajudará a curar a ferida que carrega dentro de ti e que pode se manifestar na falta de direção na tua vida, falta de criatividade, problemas menstruais físicos ou emocionais, desconexão com o feminino, abuso sexual, entre outros temas.

Dá as boas-vindas a este grande caminho vermelho, a tua feminilidade, a ser mulher!

Todas as mulheres adultas são bem-vindas! ²⁸

A prática foi realizada no salão de um edifício localizado no bairro Roma, da Cidade do México. No interior do salão, foram colocados



²⁸ No original: *Carpa Roja “sanando tu doncella”*

Por primera vez compartiremos contigo nuestro ritual de menarca (primera menstruación). ¡He soñado con ofrecer este espacio en México por mucho tiempo y ahora es un sueño hecho realidad! Te invito de todo corazón a la primera Carpa Roja de Mi Periodo al Natural en la que nos enfocaremos en La Sanación de la Doncella. Sanar nuestra Doncella es sanar la herida de la niña, sanar las historias que llevamos cargando desde que pasamos por esa primera iniciación (nuestra primera menstruación).

La primera menstruación es un viaje único, es un momento iniciático en el camino de convertirnos en mujer. Cruzar este primer umbral sin ser celebrada o pasarlo desapercibida, causa una enorme sombra en la vida de toda mujer adulta, por lo que puede afectar la forma en la que pensamos y vivimos nuestra menstruación a lo largo de toda la vida. Aunque muchas mujeres adultas no han tenido un recibimiento adecuado a este cambio tan importante, es posible restaurar el mensaje que recibiste de menstruación por medio de un ritual de menarca.

Esta Carpa Roja con el tema de La Sanación de la Doncella es precisamente un ritual de menarca el cual compartiremos por primera vez con las mujeres que asistan. Yo misma fui celebrada hace ya muchos años en un gran círculo de mujeres y fue una experiencia verdaderamente profunda que sanó muchas heridas. El ritual de menarca que llevaremos acabo el día 28 de junio dentro de nuestra Carpa Roja te ayudará a sanar la herida que llevas dentro, la cual puede que se manifieste como una falta de dirección en tu vida, falta de creatividad, problemas menstruales físicos u emocionales, desconexión con lo femenino, abuso sexual, entre otros temas.

¡Recibe la bienvenida a este gran camino rojo, a tu femineidad, a ser mujer!

¡Todas las mujeres adultas son bienvenidas!

tecidos na cor vermelha com diferentes texturas; com eles, era simulada a forma da tenda e se formava um espaço delimitado para o ritual. Por outro lado, algumas das assistentes comentaram que entrar na tenda era como entrar no útero, em um lugar seguro e próprio. No meio do salão, havia um caminho de flores vermelhas que terminava ao fundo, onde fora colocado um altar com flores, velas brancas e vermelhas, assim como diferentes representações femininas e da lua em suas diferentes fases. Quando cada uma ficou no lugar em que se sentia mais confortável, começou o ritual, com a apresentação de cada uma das participantes,²⁹ que contaram por que decidiram participar da tenda e “o que traziam”.³⁰ Explicaram-se o objetivo da tenda e a razão da decoração do salão, afirmou-se que a cor vermelha era para simbolizar o sangue menstrual. Contou-se que, enquanto estavam arrumando o espaço para realizar a tenda, os tecidos caíram. Esse fato provocou a reflexão das organizadoras, já que tiveram alguns problemas com os arrendatários do espaço. Sua interpretação sobre essas dificuldades foi que a sociedade se encarrega de impedir esse tipo de reuniões, mas elas afirmaram que a tenda “se ergueu” pela vontade, pela intenção de realizá-la e pelo apoio das mulheres que participariam do evento.

Continuou-se com uma explicação acerca da importância do primeiro sangramento menstrual, dizendo que esse momento implica uma mudança de consciência por parte das mulheres, pois marca uma separação das meninas a respeito da mãe e é quando uma mulher começa o caminho vermelho,³¹ o caminho da menstruação. O discurso transmitido remete principalmente à transmissão e ao reconhecimento da menarca como ritual de passagem feminino. Por outro lado, reiterou-se



²⁹ 25 mulheres entre 19 e 55 anos.

³⁰ Essa expressão relaciona-se com a situação emocional na qual as mulheres se encontram no momento em que chegam à tenda. Esse tipo de dinâmica é muito comum nos grupos de mulheres, já que é uma maneira de conhecer “com que tipo de energias trabalharão no círculo”.

³¹ Essa expressão refere-se a uma interpretação feminizada do caminho vermelho, característico da neomexicanidade.

que a menstruação gerou em muitas mulheres a negação de si mesmas, motivo pelo qual ocorrem menstruações dolorosas ou doenças ginecológicas que são o resultado da negação do corpo, de seus processos e da feminilidade. Nesse sentido, rituais como o que estava sendo realizado têm o objetivo de curar as feridas que foram geradas a partir da negação do corpo e propiciar, assim, uma consciência mais amorosa e consciente sobre si mesmas e sobre os processos naturais.

A atividade seguinte foi realizada em pares. Cada par tinha que contar como se lembrava da sua primeira menstruação, a experiência de contar para sua mãe e como e o que gostaria que sua mãe tivesse dito ao contar que tinha tido seu primeiro sangramento. Cada uma compartilhou o relato com seu par. Ao finalizar essa dinâmica, esclareceu-se que se realizaria o ritual de menarquia, que consistia em caminhar pelo caminho de flores até chegar ao fundo do salão, onde cada mulher seria recebida pela guia da tenda e pela mulher com a qual havia compartilhado o relato – que representava a “mãe” da pessoa à qual seriam dadas as boas-vindas para o “caminho vermelho da menstruação”. Cada uma deveria sair do salão. Na porta, estava uma mulher que perguntava, com uma reverência, se elas estavam prontas para percorrer esse caminho.

Cada uma das mulheres entrou e, ao chegar ao altar, foi feita uma representação do momento no qual a mulher contava para sua mãe sobre seu primeiro sangramento, e a mãe dizia aquilo que a mulher desejava ter escutado. Posteriormente, a guia dava as boas-vindas à mulher, com uma reza e um agradecimento, e colocava um ponto vermelho na testa, no lugar onde, de acordo com o hinduísmo, está localizado o terceiro olho. Assim, ficava consolidado o ritual. Este *bindi* ou ponto, nesse caso, simbolizava a mulher que havia sido iniciada no caminho da menstruação. Tal exercício foi lento, cada uma levou seu próprio tempo para compartilhar e viver sua experiência e dividi-la com o grupo. Ao longo de todo o ritual, muitas mulheres viram suas histórias refletidas nas demais e gerou-se um ambiente emocionante para todas as participantes, inclusive chegando-se ao choro ou à euforia. Quando cada mulher havia

sido recebida no caminho menstrual, a guia agradeceu a participação e a disposição de cada uma das mulheres, bem como a experiência compartilhada. Comentou-se que era uma pena que esses rituais não fossem feitos quando uma menina tem seu primeiro sangramento, já que é um momento em que, potencialmente, se cria a irmandade entre mulheres, e que o caminho do sangue menstrual e da lua é uma forma de bênção do coração, da mente, do corpo e do útero.

Conclusões

O circuito de práticas femininas no âmbito do movimento Nova Era adquire importância, pois se constitui em formas alternativas de organização que partem da busca de espaços igualitários e sororários. Tais espaços não só respondem às gramáticas internas desenvolvidas por essa matriz espiritual e cultural, como também dão origem a lideranças femininas e coletivos de contenção entre pares que retomam modelos arquetípicos como os círculos, considerados seus principais modos de conformação. Os círculos de mulheres, portanto, tornam patente um modelo de organização de tipo emocional, no qual parte fundamental da coesão dos grupos reside nas experiências compartilhadas tanto no plano individual quanto coletivo. Sendo assim, a crença no advento da nova era e no papel central das mulheres no desenvolvimento da espiritualidade pode ser importante, mas a experiência vivida a partir desses espaços é o elemento articulador dos sentimentos de pertencimento. Por sua vez, esse “sentir-se parte de” uma espiritualidade baseada em discursos e processos experienciais e corporais facilita a adoção das crenças e noções sobre o feminino, ao serem incorporadas como parte do cotidiano das mulheres e como um dos elementos de ancoragem emocional com seus pares.

Por outro lado, a procura direcionada do *self*, no caso das espiritualidades femininas, desenha e materializa um tipo de corporalidade ou *embodiment* (Csordas, 1994), no qual a relação entre o corpo feminino, a

natureza, a cultura, a experiência e a emoção se mostra como um todo em constante relação, não só como parte do discurso espiritual, mas também a partir da forma na qual se articulam esses elementos e se manifestam suas formas de apropriação.

Um elemento a ser destacado é a importância que adquire o corpo e seus processos como espaços de sacralidade, mas também a forma como a noção de *mulher* continua sendo construída em função do ciclo menstrual e, portanto, da etapa reprodutiva feminina. O discurso do sagrado feminino em sua dimensão corporal gera normativas em torno da forma de tratar, conhecer e experimentar o corpo, marcando, particularmente, tendências específicas nas formas de menstruar. Embora a mudança na concepção da menstruação, de um fato patológico a um elemento sagrado, seja positiva, estabelecer um modo específico de ação em concordância com uma ideia sobre o feminino impõe limites, novas normatividades e comportamentos³² àquelas mulheres que se somaram às espiritualidades femininas.

Com o objetivo de incluir mais mulheres nos conhecimentos e espiritualidades femininas, os discursos sobre o corpo e seus ciclos sentiram a necessidade de se modificarem e se adaptarem à realidade e à circunstância das mulheres, dado que muitas das seguidoras destas práticas ou participantes deste circuito decidiram não exercer a maternidade como parte de sua trajetória reprodutiva ou encontram-se já na menopausa; é aí onde os discursos do sagrado feminino se adequam aos casos particulares com a intenção de criar uma narrativa suficientemente inclusiva para todas as mulheres para além da determinação de que uma mulher é Deusa porque há uma manifestação de sua natureza cíclica por meio do sacramento menstrual.

Propor a ideia de que as mulheres têm em suas mãos – e em seus úteros – a tarefa de alimentar a criação de uma Nova Era é atribuir-lhes



³² Comportamentos e noções que autoras como Sosa-Sánchez, Lerner e Erviti (2014) desenvolveram e analisaram amplamente a partir de termo “civilidade menstrual”

um lugar central e sugerir uma lógica diferente da ordem social tradicional que as coloca em um lugar secundário, gerando, assim, um feminismo místico e uma noção de empoderamento³³ que, muitas vezes, ficam circunscritos ao âmbito espiritual. No entanto, de acordo com o enfoque da Nova Era sobre o equilíbrio entre os gêneros, o que se busca é a igualdade e a convivência entre homens e mulheres. A centralização excessiva para um desses elementos, contudo, não faria mais que aprofundar suas diferenças. Portanto, a espiritualidade feminina, em sua intenção de empoderar as mulheres no plano espiritual, gera também algumas estratégias de segregação que marcam uma distinção entre o discurso e a prática.

O discurso do sagrado feminino, no México, constrói-se em função de narrativas universalizantes e também incorpora narrativas e crenças locais³⁴ e inventadas³⁵ que pugnam pela reconfiguração dos papéis e comportamentos femininos a partir de seus contextos particulares. Sem dúvida, os elementos aqui mostrados permitem caracterizar a matriz Nova Era a partir de um discurso específico. No entanto, estas formas de praticar, aderir ou unir-se às práticas vinculadas com estes referentes estão situadas em um espaço no qual se repensam os papéis dos sujeitos em nível subjetivo, espiritual, social e coletivo que se modifica e se reconstrói a partir das necessidades de cada grupo, de cada sociedade e de cada contexto. Nesse sentido, para o caso mexicano, torna-se relevante a construção dessas narrativas e crenças, posto que visibilizam outras formas de organização que, apelando ao discurso espiritual, dão



³³ Entendendo o empoderamento como um “processo por meio do qual as mulheres incrementam sua capacidade de configurar suas próprias vidas e seu entorno, uma evolução na conscientização das mulheres sobre si mesmas, em seus *status* e em sua eficácia nas interações sociais” (Schuler, 1997, p. 31).

³⁴ Como as referências ao caminho vermelho, a importância das avós ou mulheres não menstruantes que remetem a noções dos povos mesoamericanos, a relação harmônica com a natureza, a recorrência a práticas como os *temazcais*, as limpezas com ervas para a cura do útero etc.

³⁵ A partir da experiência e trajetória espiritual e de vida das mulheres que guiam as práticas que são parte do circuito de conhecimentos e espiritualidade feminina.

visibilidade à importância das mulheres, de seus corpos e da emergência de espaços de diálogo e de contenção, que repousam em uma identificação entre os gêneros, e de um conhecimento cultural, espiritual e genericamente situado.